

PROFISSÃO DOCENTE E SEUS REFLEXOS NO CORPO

Angela Rodrigues Luiz

Mestre em Educação e Professora de Educação Física Infantil na Rede Pública Municipal de Uberlândia-MG.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre como o corpo do professor vem reagindo aos processos históricos que acomete a educação e a profissão docente. Dentre as reações destacamos a Síndrome de *Burnout* e seus reflexos no corpo do professor e em sua ação docente.

ABSTRACT

This article has as objective to thought about the reactions of teacher's body front of historic processes. These ones attach the education and the teaching profession. Amongst the reactions we point out the Syndrome of *Burnout* and its reflexes in the body of the professor and its teaching action.

RESUMEN

Este artículo tiene por objetivo reflejar de qué modo viene el cuerpo del profesor reaccionando a los procesos históricos que acometen la educación y la profesión de enseñanza. Entre las reacciones elegimos el Síndrome de *Burnout* y de sus consecuencias en el cuerpo del profesor y de su acción de enseñanza.

INTRODUÇÃO

acomete

Pessoas caminham, vão de um lado para o outro, objetivando cumprir determinada tarefa. Em meio a esse movimento vertiginoso nem sempre há tempo para observar, sentir, obedecer aos desejos do corpo. Por instantes, num sobressalto os olhos encontram seu próprio corpo refletido por espelhos ou vidraças. Esse ritmo acelerado tem se tornado situação comum e habitual nas cidades, nas ruas e também nas Escolas.

O corpo passa pela Escola, mas é profundamente marcado por ela. Com raríssimas exceções ele se faz presente ao longo dos anos Escolares. A aceitação das vontades do corpo é inversamente proporcional ao nível de ensino em que este corpo se encontra. Tal situação diz respeito não exclusivamente aos alunos, mas também aos professores e demais funcionários que atuam em instituições educacionais.

Analisemos, por exemplo, a utilização do espelho nas instituições Escolares. Ele está presente na maioria das salas de pré-escola, mas vai perdendo seu espaço à medida que, cresce também, o interesse dos alunos para acompanhar as mudanças em seus corpos, muitas vezes suscitando olhares vaidosos, e o professor não integra esse conhecimento aos conteúdos.

Dispensar atenção para o seu próprio corpo. Ouvir, ver e principalmente ler a história que ele revela, se expressando pela estrutura, postura e fisionomia corporal. Assim

se configura a proposta deste artigo, que vê nos professores o meio de disseminar uma educação mais significativa e que passe pelo corpo.

Para tanto, entendemos que os professores necessitam estar em contato com seu próprio corpo, viabilizando assim, a interação com outros corpos. Em seu estudo Moysés (2003) indica aos professores que permitam que o corpo esteja presente em todos os momentos do ensino-aprendizagem, mantenham-se sempre alertas para não contribuírem em aumentar os bloqueios energéticos corporais dos alunos. Dando a seu próprio corpo os cuidados que necessita, estando atento aos seus próprios bloqueios, à sua respiração, à sua energia, pois conhecendo a si é possível compreender o outro.

Cada corpo trás em si o registro de uma história que é única, peculiar aos momentos vivenciados por aquela pessoa, conhecer os meandros revelados por cada curva, significa também aceitar que somos diversos, que experiênciamos um mesmo fato com diferentes intensidades, de distintos modos. Justificando assim nosso interesse em conhecer um pouco da história dos corpos que atuam na educação, e se mostram diariamente a tantos outros corpos e que muitas vezes se vêm espelhados.

A CULTURA DOCENTE REFLETIDA NO CORPO

A profissão docente encontra-se em um estado crítico que vem se evidenciando desde a década de 80: a deserção progressiva nos quadros docentes. Vários fatores são apontados como compositores deste esfacelamento, dentre eles, destacamos a dinâmica de dedicação e exaustão seguida pela falta de reconhecimento das ações anteriores.

Este estudo pretende ir além das constatações das dificuldades e dos desprazeres que a profissão promove aos professores, compartilhando com Esteve (1999, p. 25) cuja visão amplia os horizontes a fim de “abrir uma porta à esperança, descrevendo e valorizando as estratégias postas em andamento com o fim de abreviar ou reduzir os efeitos negativos desse ciclo degenerativo da eficácia docente”.

Vale ressaltar que a eficácia docente vai além do aprendizado por parte do alunado. Na esfera pessoal o professor busca caminhos para atingir objetivos, conciliando os seus, da Escola, da comunidade, proporcionando a instalação de um estado de tensão, que associado à sentimentos e emoções negativas vão se acumulando e condicionam a imagem que o professor tem de si mesmo. Instala-se uma crise de identidade pessoal e profissional, que muitas vezes chega à auto-depreciação do ego.

Neste sentido, Esteve (1999) assinala uma crescente confusão com respeito à complexa e extensa função do professor, a família e a sociedade transferiram algumas de suas atividades à Escola e conseqüentemente a pessoa do professor. Porém, essas transferências não foram acompanhadas por mudanças no processo de formação profissional dos educadores.

A formação inicial dos professores estimula o estereótipo ideal, e quando este se depara com a situação real de uma instituição de ensino sente-se desconcertado e despreparado para a prática docente. Com o passar do tempo esgotam as tentativas e expectativas de melhoria do ensino e das condições de trabalho, definindo-se um quadro comportamental de desânimo, também chamado por Esteve (1999) de *Mal-estar Docente* e assim previamente caracterizado em sua obra:

O professor queimado é um fenômeno demasiado familiar para qualquer adulto que trabalhe na Escola pública atual. Os sintomas incluem um alto índice de absentismo, falta de compromisso, um desejo anormal de férias, baixa auto-estima, uma incapacidade de levar a Escola a sério, os problemas do professor separam-no cada vez mais de seus alunos. (ESTEVE 1999, p. 57)

Da mesma forma encontramos o termo *burnout*, em muitos casos associados ao conceito de *stress*. Para este último termo encontramos sua origem na física, cujo significado é o de fricção, ou desgaste provocado por fricção; as energias vão sendo roubadas pela fricção de um corpo em relação aos outros. Biologicamente podemos encontrar a definição de Hans Selye para o estresse como “a resposta não específica do corpo a qualquer requerimento. Desenvolve-se como reação a um estímulo (chamado *stressor*) e implica um processo de adaptação que se manifesta mediante mudanças nos níveis hormonais e no tamanho de muitos órgãos” (SELYE, apud ESTEVE, 1999, p. 148).

O estudo do *burnout* desencadeou-se a partir de muitos outros estados emocionais: falta de motivação, desamparo, desesperança, passividade, alienação, depressão, fadiga, *stress* e agora *burnout*. De modo geral todas essas sensações conduzem as pessoas para a desistência, a não implicação com o serviço prestado.

Ainda no ano de 1999, *burnout* foi apresentado em um estudo brasileiro, coordenado por Wanderley Codo, como a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação. A pesquisa desenvolvida por Codo e sua equipe envolveu 52.000 sujeitos em 1.440 Escolas do ensino básico, que compreende o ensino infantil, fundamental e médio, situadas em vários pontos de todos os estados do Brasil. Após investigação exaustiva e abrangente, chegou-se a um resultado alarmante: 48% dos profissionais da educação entrevistados apresentam sinais de mal-estar com a profissão, características da síndrome de *burnout*.

Burnout, expressão inglesa assumida e que pode ser traduzida como “perder o fogo”, “perder a energia” ou “queimar (para fora) completamente”, e assim definida, como “uma síndrome através da qual o trabalhador perde o sentido da sua relação com o trabalho, de forma que as coisas já não o importam mais e qualquer esforço lhe parece ser inútil” (CODO, 2002, p. 238).

São problemas que instigam professores, psicólogos e pesquisadores afins, abrindo novos caminhos para estudos que buscam contribuir, auxiliar na compreensão dos fatos e possibilitar o desenvolvimento de novas atitudes perante a vida e, por conseguinte na profissão.

O mal-estar, a síndrome, os sintomas são percebidos no corpo. As queixas vão constituindo um quadro clínico, muitas vezes de doenças não diagnosticáveis, mas mostra-se evidente a instalação de uma fisionomia desoladora, que para além do olhar sem brilho, mirando o vazio, se soma a um corpo sem vida que trás sobre os ombros o peso de um eminente fracasso.

Do mesmo modo que o *burnout* é uma desistência de quem ainda está lá, enclacrado em uma situação de trabalho que não pode suportar, mas que também não pode desistir, o corpo segue vivendo sem energia, faltando vitalidade e esperando um fim por si mesmo. O trabalhador arma, inconscientemente, uma retirada psicológica, um modo de abandonar o trabalho apesar de continuar no posto. O professor, em específico, está na sala de aula, mas passa a considerar cada aula, aluno, semestre, como números que se somam. (CODO, 2002)

Depositar sobre os outros a responsabilidade, a causa das mazelas e do sofrimento, constitui-se uma atitude habitual que se somam as várias outras, todas com uma finalidade em comum: afastar, retirar de nós mesmos a responsabilidade por nossos atos, sejam eles causadores de sofrimento ou restabelecadores das funções saudáveis para uma vida produtiva e de qualidade.

Historicamente o homem se nega a conhecer o corpo, a se ver por dentro, sem se dar conta, que pelo corpo, consegue transmitir mensagens que precedem a pronuncia verbalizada e que muitas vezes contradizem o que é falado.

Então buscamos uma teoria que possibilitasse compreender o homem a partir de seu corpo e encontramos a psicanálise das atitudes corporais, dos gestos, das caras e dos tons de voz, desenvolvida por Wilhelm Reich (1897 – 1957), também conhecida como Psicoterapia Corporal.

Como nos apresenta Gaiarsa (1991), a teoria reichiana trata do homem inteiro, não somente da comunicação pela palavra e “mostra em pormenores e insistentemente que todas as nossas posições, gestos e caras têm funções ou têm efeitos – sobre os outros e sobre nós mesmos” (p. 13). De modo intencional ou não o nosso corpo expressa nossos desejos e vontades, logo ele fala tanto quanto a palavra.

Enquanto tecemos a problematização da profissão docente, conduzimos o pensamento do professor para a análise da sua real situação corporal sendo esta o resultado das ações desmedidas do modo de sobreviver em meio a uma sociedade que em nome do coletivo e do social, esfacela o organismo individual, o que interfere nas relações como o todo. O corpo é inferiorizado, silenciado em seus desejos, mas deve estar inserido nas manobras sociais que o utilizam, desmedidamente, para manter acesa a chama do comércio, onde ele também é mercadoria.

REFERÊNCIAS

CODO, Wanderley (Coord) **Educação: carinho e trabalho**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

STEVE, J. M. **O Mal-estar Docente**. Trad. Durley de C. Cavicchia. Bauru: EDUSC, 1999.

GAIARSA, J. A. **O que é corpo?** 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MOYSÉS, M. H. F. **Sensibilização e conscientização corporal do professor: influencia em seus saberes e suas práticas pedagógicas**. 2003. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, 2003.

PEREIRA, V. R. T. **A Saúde Emocional do Educador: saberes necessários aos trabalhadores da educação**. 2005. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, 2005.

angela_rodriguesluiz@yahoo.com.br

Av. André Rebouças, 834

Nossa Senhora das Graças

CEP: 38402-002

Uberlândia – MG.